

AS MEMÓRIAS DO MOVIMENTO DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS NO RIO GRANDE DO SUL

Memories of movement of workers circles in Rio Grande do Sul

Carla Xavier dos Santos¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo geral abordar a história do movimento de operários católicos, os Círculos Operários no Estado do Rio Grande do Sul, de onde se espalhou pelo Brasil, a partir da década de 1930, através das memórias de um dos seus filiados. Para tanto, utilizou-se como procedimento metodológico a história oral, a análise documental e a historiografia pertinente. Dessa forma, a pesquisa chegou a concluir que as propostas das encíclicas foram basilares para a formação do circulismo e por isso fundamentais para a compreensão do processo de aproximação entre o Estado e a Igreja Católica.

Palavras-chave: Memória. História Oral. Círculos Operários. Depoimento.

Abstract: This study has the general objective to approach the history of the movement of Catholic workers, the workers' circles in the State of Rio Grande do Sul, where it developed in Brazil from the 1930s, through the memories of one of its affiliates. Therefore, we used as a methodological procedure to oral history, documentary analysis and relevant historiography. Thus, the research came to the conclusion that the proposals of the encyclicals were fundamental to the formation of circulismo so fundamental to understanding the process of rapprochement between the state and the Catholic Church.

Keywords: Memory. Oral History. Workers' circles. Testimony.

Introdução

Ao longo dos últimos anos, diversos foram os olhares sobre a História dos Movimentos Sociais Católicos, porém poucos se voltaram aos sujeitos pertencentes a esse cenário. Desta forma, para este estudo escolhemos nos dedicar à área da Memória e História Oral, e a partir deste viés, analisar um pouco da história dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul, não só através de documentos e teóricos que se dedicaram ao estudo do tema, mas também do protagonismo das memórias de um dos milhares de participantes, desse movimento no século XX.

Nessa direção, consideramos relevante a presente pesquisa uma vez que busca refletir através da história oral a participação de um movimento de raiz católico, que teve uma importante participação espiritual e material com relação à formação dos trabalhadores gaúchos.

A pesquisa em questão aborda a história do movimento de operários católicos a partir de 1930 até 1960. Nesse sentido, abordará de forma objetiva e qualitativa os relatos orais no protagonismo do seu tempo e espaço, no limiar entre história e memória, a fim de reconstituir os traços deixados por homens e mulheres no movimento operário gaúcho.

A relevância do estudo se faz pela importância dos Círculos Operários para a história do Rio Grande do Sul, onde este movimento operário permanece em plena atuação até a atualidade, porém com fins educacionais. Todavia, com o passar dos anos, muito de sua memória foi colocada à margem.

Para o desenvolvimento deste estudo utilizamos a metodologia de História Oral, todavia não nos furtamos em utilizar outras metodologias, a fim de contribuir com a visão exposta por nosso entrevistado, bem como para a boa compreensão dos fatos abordados.

A pesquisa em questão optou por uma exposição objetiva e clara dos estudos, dessa

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

forma, na primeira parte, falaremos sobre a memória e a história oral, seus desafios, conceitos e teóricos. Na segunda parte, nos deteremos em contar a história dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul, sua difusão pelo país e a atuação efetiva do seu fundador, padre Leopoldo Brentano e seu “braço direito”, o assistente eclesiástico padre Inácio Valle. Na terceira e última parte, abordaremos a história dos Círculos Operários, através das memórias do senhor Osvaldino Ruduite, que entrou criança no movimento circulista, passando por todos os setores do movimento até a direção dos Círculos Operários Porto-alegrenses e da Federação dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul.

Memória e história oral

As entrevistas trazem inúmeras possibilidades de se pensar a Memória dentro das várias matrizes teóricas, desta forma, utilizaremos a abordagem de alguns teóricos sobre as memórias narradas em depoimentos (orais e escritos) como fonte histórica.

A memória seria uma construção psíquica e intelectual que acarretaria uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é apenas aquele do indivíduo, mas de um indivíduo que está inserido num contexto familiar, social, nacional (RUSSO apud AMADO; FERREIRA, 1996, p. 95). Ou seja, toda memória é coletiva, pois a memória está ligada às lembranças das vivências e só existem quando os laços afetivos criam sentido de pertencimento ao grupo. E que existem tantas memórias quanto grupos, ela é por natureza, múltipla e desacelerada. (HALBWACHS, 1990.)

Halbwachs (1990), ainda, distingue a memória em duas formas: memória pessoal ou memória autobiográfica e memória social ou memória histórica. A primeira se sustenta na segunda, pois a nossa história de vida faz parte da história geral e a segunda seria mais ampla que a primeira. A história não seria todo o passado, mas também não é tudo que resta dele. Esse passado vivido é bem mais que a história escrita abrange.

Segundo a concepção do historiador Pierre Nora, memória e história estão longe de serem sinônimos, fazendo a seguinte distinção:

Memória é vida, sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. A memória é afetiva e mágica, mas alimenta-se de vagas lembranças; a história é operação intelectual, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado; a história a liberta. (NORA, 1993).

Ao contrário de Halbwachs e Nora, Lowenthal (1998) aborda a relação história e memória mais pelas suas semelhanças do que propriamente por suas diferenças. São distinguíveis, menos como tipos de conhecimentos do que como atitudes relativas a esse conhecimento.

[...] a memória inclui relatos de segunda mão do passado, ou seja, histórica; a história baseia-se em testemunhos oculares e outras recordações, ou seja, memória. [...]. É extremamente difícil separar de nossas recordações os componentes da história e da memória. Se não tenho consciência de que parte da minha lembrança é um pouco da história de outrem, considero-a verdadeira *prima-facie*, exatamente como o resto de minhas lembranças. E mesmo quando fontes extremas podem ser diferenciadas das lembranças primárias, posso deixar de tratá-las historicamente. (LOWENTHAL, 1998).

Na obra “Memória, história e historiografia”, Fernando Catroga (2001) conclui ser necessário aceitar os limites do fazer histórico e de que haja sempre uma negociação entre a história e a memória, para que não haja interpretações dualistas, mas sim complementares, já que as duas podem ser concebidas como “... expressões da condição histórica do homem”. Memória seria tão ligada à história, que se confundiria com ela e, ao mesmo tempo, cria-se a partir dela; para alguns, a antecede. As relações entre memória e história, e o conjunto de atos individuais e coletivos, delimitam uma ampla abordagem historiográfica.

O autor ainda aborda que a memória também depende de vestígios, não seria possível a memória se desenvolver sem qualquer suporte material. Não há representação memorial sem traços. Estes ritos de recordação geralmente se destinam aos patrimônios comuns, responsáveis pelas grandes filiações (nação). (CATROGA, 2001).

Pierre Nora (1993) trouxe à tona novo conceito e significado para museus, bibliotecas, arquivos, festas e outros lugares, onde se preserva a memória coletiva de um país. “Tais lugares de memória” passaram a ser pensados como parte fundamental da busca de identidade, de reforço de laços afetivos, dedicados à memória da sociedade. Os lugares de memória se caracterizam por uma natureza tripla: uma dimensão material, já que possuem um referente concreto e identificável; uma dimensão funcional, pois desempenham papéis diferenciados na dinâmica dos grupos sociais; e por fim, uma dimensão simbólica, através da qual reúnem passado – presente – futuro num projeto social.

A memória é um complemento para a história e a história para a memória, uma dá respaldo à outra, no trabalho do historiador. Utilizamos a memória para reconstruir um passado, que já não existe e não pode ser apanhado por completo pela história. O historiador se vale da memória, para poder compreender e tentar responder questionamentos da contemporaneidade. Ele se insere em outro tempo, para conhecer as memórias de um povo e de seus fatos históricos.

Lowenthal (1998) faz referência, que o passado abrange todas as formas de exploração. Neste sentido, o historiador, não pode ter preconceito em relação ao que utilizar para analisar, confrontar, questionar e argumentar com esse passado, com o qual se defronta com muitas perguntas sem respostas. Para isso, a utilização do depoimento e da história oral é de extrema importância, pois nesses momentos do diálogo e da narrativa, as subjetividades também vão se constituindo, diante das emoções, sentimentos e imagens daquele que narra e daquele que ouve.

Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC, 2015),

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador.

As entrevistas de história oral fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e os modos de vida de um grupo ou da sociedade. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado (CPDOC, 2015).

A história dos círculos operários no Rio Grande do Sul (1932-1945)

Os Círculos Operários Católicos foi um movimento de raiz católico, mas não pertencente à Igreja. Tinha por objetivo central auxiliar de forma espiritual e material os trabalhadores gaúchos, tanto no âmbito espiritual como no material, para que não estivessem vulneráveis às tentações do comunismo e do socialismo. Portanto, como veremos, os Círculos Operários tiveram sua fundação, sua história e seus princípios nas encíclicas dos papas Leão XIII e Pio XI.

A encíclica *Rerum Novarum*, emitida pelo Papa Leão XIII, em 15 de maio de 1891, foi o documento inaugural da chamada Doutrina Social da Igreja (MENEZES, 1986) e, ao abordar “a questão operária”, se constituiu como impulso inicial sobre a questão do trabalho e do trabalhador em busca de uma ordem social justa.

Na conjuntura do final do século XIX e início do XX, a maioria da população ficou à margem do progresso político-econômico. Esse contexto, somado às ameaças do liberalismo e do comunismo, despertou a preocupação da Igreja Católica com a “condição dos operários”. Leão XIII se viu entre dois problemas centrais: de um lado, os males provocados por uma economia centralizada na maximização do lucro e na acumulação capitalista; e, por outro, a chamada “onda vermelha” do socialismo que ganhava terreno no mundo operário.

À vista dos problemas resultantes da Revolução Industrial, que suscitaram o conflito entre capital e trabalho, o documento papal enumerou “os erros que provocam o mal social”, excluiu também o socialismo como solução e expôs, de modo preciso e atualizado, a doutrina católica sobre o trabalho, o direito de propriedade, o princípio da colaboração em contraposição à luta de classes, sobre o direito dos mais fracos, sobre a dignidade dos pobres e as obrigações dos ricos, o direito de associação e o aperfeiçoamento da justiça pela caridade (SANTOS, 2008).

Em 15 de maio de 1931, foi publicada a encíclica: *Quadragesimo Anno*, do papa Pio XI, motivado pela Grande Depressão de 1929 e por ocasião dos exatos quarenta anos da encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII. Neste documento, reiterou as condenações acerca do comunismo, apresentadas na encíclica *Rerum Novarum*, e fez fortes críticas ao socialismo, inclusive ao “socialismo moderado”, considerou-o inteiramente incompatível com a prática e a fé católica. Neste mesmo documento, condenou os abusos do capitalismo e do livre mercado, a concentração de renda e de poder e afirmava que sem justiça social e sem atenção à reta razão e aos preceitos evangélicos não se teria uma ordem econômica justa.

Assim, a encíclica *Quadragesimo Anno* foi a segunda grande encíclica social. Anterior a este documento, como visto anteriormente, o então papa Leão XIII lançou a encíclica *Rerum Novarum*, em 1891, com o objetivo central de voltar o olhar da Igreja para o mundo do trabalho. Foi dessa forma, portanto, que se iniciou a aproximação da Igreja com o trabalhador. Ambas as encíclicas propuseram soluções para a questão operária, justiça social e sugeriram um corporativismo socioeconômico no qual poderiam estar aliados os interesses dos empregados aos dos patrões.

Vistas estas intenções eclesiásticas, junto aos trabalhadores, um padre, do interior do Estado do Rio Grande do Sul, teve o impulso de colocar em prática os ensinamentos contidos nas encíclicas papais. Assim definido, o padre jesuíta Leopoldo Brentano fundou na cidade de Pelotas, no dia 15 de março de 1932, o primeiro Círculo Operário (Círculo Operário Pelotense) destinado ao auxílio do trabalhador.

O padre Brentano já trabalhava junto ao operariado pelotense através de uma escola, criada pela Congregação Mariana de Moços (BARRETO, 1995), que atendeu a muitos trabalhadores, na tentativa de terem um futuro melhor através dos estudos, ou simplesmente, conseguirem vencer a batalha de juntar as letras e formar palavras, após uma jornada de mais de 12

horas de trabalho.

Padre Leopoldo Brentano propôs soluções para a questão operária, lutando por justiça social e sugerindo um corporativismo socioeconômico, o qual poderia aliar os interesses dos empregados aos dos patrões.

Este movimento de raízes gaúchas se expandiu rapidamente por todo o sul do país. Três anos após sua fundação agregou todos os círculos gaúchos à Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul (FCORGS), em 1935. No mesmo ano, realizou-se o Congresso dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul (SANTOS, 2008).

Toda esta articulação dos círculos não trouxe muita simpatia de outros movimentos de operários católicos, pelo fato dos círculos terem estabelecido parcerias com o Ministério do Trabalho no processo de sindicalização. Esse foi o caso do movimento mineiro, então chamado de Confederação Católica do Trabalho, com o qual as desavenças foram mais acirradas, por existir no interior dessas organizações uma grande expectativa quanto à possibilidade de os católicos construírem uma estrutura sindical (SOUSA, 2002).

O circulismo tentou acabar com o tratamento particular de cada instituição regional, com o intuito de unir a ação em todo o país, como também as práticas junto aos trabalhadores que não saíam da teoria. Portanto, pode apresentar-se com uma estrutura organizada e com plano de ação que distinguiu o circulismo à frente dos demais movimentos existentes junto ao operariado. Desta forma, ele passou a falar o mesmo “português” que os trabalhadores, porque o trabalho dos círculos atuava junto à realidade do operário e de suas necessidades.

Sendo assim, a Igreja Católica Brasileira adotou os Círculos Operários como os representantes da Ação Católica junto aos trabalhadores brasileiros. Esses se tornaram pilares da aliança entre o clero católico e o Estado Novo.

Os Círculos Operários foram a opção mais concreta e organizada com que o operariado gaúcho pôde contar. A proposta do padre Leopoldo Brentano nasceu, em grande parte, por causa da oposição ao comunismo. Visto que essa ideologia tinha ação popular, falava no mesmo tom do povo e do trabalhador, do operário. Os católicos não podiam ficar insensíveis a isso. Pio XI através do *Quadragesimo Anno*, pretendia instigar os sacerdotes a irem ao povo, aos trabalhadores: “Ide ao povo, ide ao trabalhador” (RAUSCH, 2003).

Os círculos não foram aceitos logo no seu início, pois adversários às suas ideias viam perigo no movimento, dirigiram um panfleto ao Ministério do Trabalho contra os círculos, conseguindo com isso uma proibição ao funcionamento dos Círculos Operários, sendo enviados, por duas vezes, inspetores do ministério a Porto Alegre, porém acabaram por apoiar o movimento e tornaram-se o ponto de partida para que o governo visse com bons olhos os círculos operários. (BRENTANO, 1954).

A Igreja via nos círculos um elo forte junto ao Estado getulista, pois atingiam o mesmo objetivo que este movimento – os operários. Diehl (1987, p. 190) ainda ressalta que:

Os Círculos foram associações, cuja organização inibiu o movimento reivindicatório dos operários requer uma visão ampla do problema. A radicalização política diminuiu a discussão do primado econômico, abrindo espaços à atuação do Estado na legislação social, na mesma proporção aumentou a limitação reivindicatória ou política das classes, cujo poder de barganha e capacidade de pressão sucumbiram ante o corporativismo e a burocratização do sindicato no Brasil.

Em pouco tempo, o movimento se expandiu não só no Rio Grande do Sul, mas por todo o Brasil. Buscavam ser assistencialistas e formadores da classe operária, como também, articuladores junto ao operariado contra as ideias do comunismo que eram os interesses da Igreja Católica.

O Estado só passou a ter um interesse mais significativo pela questão operária em meados da década de 1930, fazendo com que a Igreja Católica voltasse mais efetivamente suas atenções aos trabalhadores, porque diante do inimigo “vermelho” a classe operária seria a mais sugestiva para a propagação das ideias comunistas, já que o Estado não o fazia presente neste momento. Como refere Astor Diehl (1990, p. 18):

[...] ante a ineficiência do Estado, a Igreja toma para si a pauta de motivar o Estado para que ele assumisse a tarefa de solucionar o problema social, toma posições definidas como forma de não ficar marginalizada no processo histórico. Porém, a ausência do Estado e a crescente proliferação da organização socialista, traduz na Igreja a responsabilidade de educar a elite capitalista e promover a organização operária dentro de uma perspectiva mutualista.

Sobre o papel social assumido pela Igreja frente aos operários, Álvaro Barreto traz as palavras do padre Brentano:

Era de urgente o lançamento de um movimento operário cristão que dando ao operariado, a par de uma assistência social imediata, uma formação espiritual e colaborando com os esforços do governo, pusesse um dique à infiltração comunista e completasse a obra do Ministério do Trabalho. (BARRETO, 1995).

Assim, seguindo este pensamento, é possível entender que a Igreja assume como sendo seu dever a educação da elite, para a formação de intelectuais cristãos, a organização dos operários de forma que seguissem o governo e suas leis, e conter o avanço comunista.

Contra o comunismo, os Círculos possuíam uma tática especial: repudiavam a luta sistemática das classes e o liberalismo econômico estabelecia a necessidade de intervenção moderada do Estado na questão social, no sentido de controlar e regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.

Um dos principais motivos que levavam os trabalhadores a se filiarem ao movimento circulista era a política assistencial que eles desenvolviam junto aos seus sócios que se beneficiavam de assistência médico-jurídica, escolas noturnas, educação profissionalizante, creches, facilidades para a compra de casa própria, organização dos sindicatos, como também organização de atividades voltadas ao lazer.

Tendo em vista que, em sua maioria, os circulistas eram trabalhadores sem atuação sindical ou política, o Círculo dos Operários destinava-se a proteger este operariado envolto na luta do dia a dia, sob todos os aspectos, em todas as circunstâncias e lugares, que abrangia a pessoa, a família e todos os seus interesses.

O circulismo pretendia não só lutar pelos direitos dos trabalhadores, buscava promover a educação, a integração entre trabalhadores de diferentes áreas, momentos de lazer, para si e sua família. Assim, tornando esse movimento influente e o de maior apoio por parte da Igreja. Também, desenvolvia muitas atividades culturais, sociais e marcava presença no cenário trabalhista da época.

As diversas atividades oferecidas pelos círculos tinham um intuito a mais: o de apenas amparar os trabalhadores, ofereciam uma vida social ao operário e a sua família de forma que o envolvesse cada vez mais com o movimento que permanecia sob os olhares atentos dos dirigentes e do clero, não só durante o horário de trabalho, mas também no horário de lazer. Como foi apresentado pelo padre Brentano:

O Círculo Operário ensina aos trabalhadores a fazer bom uso das horas de lazer, fugindo ao jogo e ao álcool e ocupando-se útil e agradavelmente em casa ou na sede, com jogos, música, teatro etc. ou mesmo com algum esforço em prol do movimento, em que também acham prazer e trabalham com orgulho (BRENTANO, 1940, p. 16).

O movimento circulista tinha respeito às demais classes sociais, às leis e às autoridades, assim como, às instituições que contribuíssem para a cultura cristã. Visava praticar, também, todo o projeto da sociologia católica traçado nas encíclicas papais, mobilizando e envolvendo em sua ação todas as pessoas e instituições capazes de cooperar na realização desse programa: operariado, empregadores, clero, homens com recursos financeiros, ou com o préstimo de sua profissão.

Os sindicatos, de maneira geral, são organizados por profissão e os interesses da área, defesa dos seus interesses no exercício profissional, às condições de trabalho e da proteção das leis trabalhistas. Já os Círculos Operários, abrangiam os trabalhadores de todas as profissões com todos os interesses e necessidades do operário e de sua família, de ordem material, intelectual e espiritual, porque ensinavam, orientavam e moralizavam no sentimento cristão.

Os círculos teriam exercido, segundo o padre Brentano, certa influência sobre o sindicalismo que dava uma orientação construtiva e de colaboração com os chefes de empresas e autoridades, livrando os trabalhadores dos cruéis chefes comunistas, que tiranizavam os operários e criavam um ambiente permanente de intranquilidade pública. (BRENTANO, 1940). Além de advogar em prol do trabalhador também reivindicavam salário mínimo e melhores condições de trabalho.

Os Círculos Operários ofereciam, em sua maioria, assistências médicas, jurídica, farmacêutica, habitações, amparo mútuo, como também atividades de lazer no âmbito de cinemas, bibliotecas, imprensa, grupos cênicos, escotismo, creches, escolas.

Por sua natureza, era um movimento operário nacional, de direção democrática, baseado nos princípios da Doutrina Social Cristã, pois cada círculo era uma associação de trabalhadores, sob a direção eleita pelos próprios membros, com personalidade jurídica própria de direito civil.

Os círculos estavam estruturados em zonas ou grupos que pertenciam aos núcleos circulistas, que compunham e respondiam ao círculo. Para exemplificar, usaram a cidade de Porto Alegre, onde havia vários grupos de estudos de formação profissional, entre outros, promovido pelo circulismo, localizado na mesma região que estavam sobre a coordenação do núcleo circulista que abrangia todo o bairro onde estava localizado.

Quase todos os bairros de Porto Alegre tinham um núcleo, que respondia diretamente ao C.O.P.A. (Círculo Operário Porto Alegrense). Nesse sentido, a Federação aglutinava e respondia por todos os Círculos Operários de cada cidade do Rio Grande do Sul. E, por último, a federação de cada Estado do país estava subordinada à Confederação Nacional de Operários Católicos.

Não fazia discriminação de sexo, partido político ou religião, desde que o trabalhador aceitasse os princípios democráticos, mesmo vivendo dentro da ditadura do Estado Novo, e a moral cristã, podia ser aceito como sócio. Visava essencialmente à promoção e valorização da classe operária, assistia e formava os trabalhadores urbanos e rurais, “e queria que o trabalhador fosse cada vez mais respeitado e também ver o seu esforço mais apreciado e melhor recompensado” (BRENTANO, 1940).

A Igreja no Brasil, ao longo de toda sua História, apresentou diversos momentos de auge e declínios. Todavia, com uma característica marcante, se recompõe, reorganiza e se faz presente – a atuação da Igreja junto aos operários brasileiros – não foi um caso isolado, muito pelo contrário.

A memória dos círculos operários, através dos relatos de Osvaldino Ruduite

Fernando Catroga (2001) conclui “ser necessário aceitar os limites do fazer histórico e de que haja sempre uma negociação entre a história e a memória, para que não haja interpretações dualistas, mas sim complementares, já que as duas podem ser concebidas como ‘expressões da condição histórica do homem’”. Assim, neste tópico, nos valem da experiência do senhor Osvaldino Ruduite, participante do movimento circulista, que transforma suas lembranças em representações do passado, para validar a história dos Círculos Operários, bem como, sua importância para a História.

Neste sentido, complementa-se a história dos Círculos Operários, o relato dos seus assistencialistas traz vivacidade a um dos movimentos católicos mais importantes do Brasil.

Osvaldino Ruduite nasceu em 1926 e fez parte do movimento circulista, durante quase toda sua vida. Aos 13 anos sua mãe associou-se ao núcleo do Monte Serra do Círculo Operário Porto-Alegrense – COPA (1939) onde, ainda menino, começou a trabalhar para o círculo fazendo cobranças, aos 17 anos tornou-se subdelegado circulista e veio a ser presidente da instituição, anos mais tarde.

Com 13 anos, nós viemos para Porto Alegre, nesta época já existia no Mont Serra, o núcleo dos círculos operários, núcleo Mont Serra. Ali em seguida minha mãe entrou de sócio, então desde aquela época, já no final de 39, 40, 41, 42, eu até fazia cobrança, no final de 42, 43 eu trabalhava como se dizia, um subdelegado. (RUDUITE, 2007 apud SANTOS, 2008, p. 172).

Em seu relato, Ruduite destaca a figura do padre Ignácio Valle, com quem trabalhou durante muito tempo, pois além de assistente espiritual dos circulistas, detinha grande respeito e confiança dos políticos gaúchos da época.

O padre Valle, ele se dedicava como assistente eclesiástico dos círculos operários, só esse trabalho, então ele dedicava todo o tempo dele. Ele tinha acesso livre no governo, tinha um cartão azul que ele podia entrar a hora que quisesse falar com o governador, ele conseguia tudo isso, porque o trabalho era um trabalho importante na época para arregimentar, organizar e orientar os trabalhadores, então ele tinha acesso livre no governo. (RUDUITE, 2007 apud SANTOS, 2008, p. 95).

Podemos perceber a importância do movimento circulista no cenário político gaúcho, bem como, a relação com o governo.

Olha, para a História do trabalhismo no Brasil foi vital, porque como eu te falei, os círculos operários no Rio Grande do Sul, eram ligados diretamente com o governo, porque era único e ajudou a organizar sindicatos, então foi muito importante, porque os próprios ministros tinham influência muito grande e ouviam os trabalhadores através do sacerdote dos círculos operários, entendeu? Isso foi muito importante. (RUDUITE, 2007 apud SANTOS, 2008, p. 176).

No entanto, ele ainda aborda a atuação dos empresários gaúchos e sua estreita relação com o padre Valle e o circulismo:

conseguia verba com os empresários, por exemplo, a policlínica, se tu entrar, hoje ali, na Santo Inácio 325, tu vai ver uma placa onde tem dezenas de empresários que ajudaram a fazer a policlínica e assim eram os lucros, ele buscava dinheiro e auxílio

para redundar em que... Auxílio ao operário. A creche dos Navegantes, ele foi feita assim com o auxílio da primeira dama, ajudado, criou a primeira creche importante em Porto Alegre, foi a Nossa Senhora dos Navegantes. (RUDUITE, 2007 apud SANTOS, 2008, p. 174).

O depoimento reforça a atuação da Igreja, adentrava, também, os espaços privados, os empresários. Padre Valle tinha passagem livre no palácio Piratini, assim como com autoridades, de jeito simples e sereno, por onde andava, ia distribuindo suas medalhinhas de Nossa Senhora de Medianeira e balinhas. Assim ia arrecadando recursos para financiar seus projetos junto aos Círculos Operários (PAIXÃO, 2003). A figura deste eclesiástico se confunde com a história do circulismo, nos relatos de nosso depoente, pois Inácio Valle dedicou integralmente sua vida ao movimento de operários católicos.

As palavras de sua sobrinha, Benta Tonini, esboçadas por Dinara Paixão, demonstram a forma de atuação do padre Valle: “Eu nunca vi meu tio criticar governantes. Podia até ser ateu. Ele era muito discreto. E assim conseguia ajuda para as obras dele. Ele nunca se posicionou político- partidariamente. Ele não era de falar, era de trabalhar. Ele perseguia o objetivo até conseguir” (PAIXÃO, 2003, p. 52).

Essa “liberação de acesso” não se destinava a todos os circulistas, muito pelo contrário, esse atendimento era, exclusivamente, ao representante eclesiástico junto ao movimento, fato que não ocorria aos demais representantes da diretoria laica. Claro que detinham seu reconhecimento, mas não ao mesmo nível do padre Valle.

Além de ser a bandeira erguida pela Igreja Católica junto aos operários, os círculos eram compostos por muitos “sonhadores”, como o assistente eclesiástico da Federação. Mas também levaria pessoas alheias às políticas e alianças do período que acreditavam nos ideais do circulismo.

Os trabalhadores circulistas estavam subordinados aos mandamentos tanto da legislação trabalhista quanto do regimento circulista, estavam por, assim dizer, vigiados por dois olhares distintos. Colaboravam com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, restauravam a paz no mundo do trabalho pelo respeito aos direitos recíprocos e pelo restabelecimento de relações harmoniosas entre operários e patrões, como também o repúdio à luta violenta de classes (BRENTANO, 1940), são artigos do estatuto dos Círculos Operários, com penalidade de exclusão definitiva do quadro de sócio.

Cultivar as virtudes que dignificam sua classe: assiduidade ao trabalho, espírito de ordem, sobriedade, economia etc. são deveres obrigatórios dos circulistas, bem como comunicar por escrito à diretoria quando tiver de se retirar temporariamente para fora da cidade ou do Estado (BRENTANO, 1940).

O trabalhador gaúcho, em sua imensa maioria, era analfabeto e sem o preparo técnico exigido. Quando os poderes públicos ainda não tinham despertado, suficientemente, para o problema da instrução e educação das massas, o fundador e os primeiros dirigentes circulistas já tinham reconhecido a urgente necessidade dessa orientação.

No aspecto de amparo ao trabalhador foi o único, o resto é de formação religiosa, mas os círculos operários foram criados, com a finalidade de orientar o trabalhador e buscar, não só orientar na parte religiosa, mas orientar seus direitos, para não seguir caminho errado, sobre esse prisma que foi muito importante porque o governo viu a organização que não existia, então a organização dos círculos foi vital. (RUDUITE, 2007 apud SANTOS, 2008, p. 177).

Sabiam que o operário, sem instrução e sem formação profissional, teria fechado todos os canais de acesso a um melhor nível de vida e a melhor posição social. Formaram, assim, escolas, cursos em diversas áreas, entre outros benefícios, que arregimentaram cada vez mais sócios aos núcleos, tanto da capital quanto do interior, que se subordinavam aos estatutos e mandamentos circulistas, por condições oferecidas aos trabalhadores, que até então não se havia visto, nem oferecido por nenhum movimento, sindicato ou associação.

Nas cidades do interior, contou com o auxílio dos prefeitos de alguns municípios, como o senhor Ruduite diz:

Não vou dizer assim que desenvolveu a cidade, mas ajudava muito a criação do núcleo e atendimento ao operário, sempre ajudou [...]. Porque se formou lá o núcleo de auxílio ao operário, logo era amparado pela igreja e especialmente pela prefeitura, porque a prefeitura tinha interesse nisso, até doava terreno para fazer os núcleos, pra botar um médico ali em cima, então isso era muito importante, não só o lado religioso, mas a assistência. (RUDUITE, 2007 apud SANTOS, 2008, p. 98).

Osvaldino Ruduite dedicou sua vida aos Círculos Operários e acompanhou o desenvolvimento (auge e declínio) do movimento.

[...] me aposentei na aeronáutica em 70 e fiquei trabalhando nos círculos operários quase que diuturnamente, além dos cursilhos. Então esta é a situação, por isso que eu acompanhei muito o padre Valle, levei para estar na federação, criação da escola, escola de formação técnica em eletrônica, então acabou eu ficando até 4, 5 anos atrás pertencendo ao círculo operário e a federação dos círculos [...] e minha vida ficou neste envolvimento com os círculos, naturalmente a gente viveu momentos difíceis, de ver os círculos operários se transformando através do tempo [...]. (RUDUITE, 2007 apud SANTOS, 2008, p. 173).

Por maior que tenha sido a resistência que o movimento de operários católicos sofreu ao longo de sua trajetória, momentos de grande visibilidade nacional e os desafios enfrentados pelo seu fundador, padre Leopoldo Brentano, o mais valioso foi a dedicação, desprendimento e crença de inúmeras pessoas, como Osvaldino Ruduite, que se dedicaram ao longo dos anos pelo movimento circulista.

Considerações finais

No Brasil, como podemos ver, as propostas das encíclicas foram basilares para a formação do circulismo e por isso fundamentais para a compreensão do processo de aproximação entre o Estado e a Igreja Católica.

No esforço em recuperar um lugar de prestígio dentro do país, a hierarquia católica buscou se aproximar cada vez mais do governo, e ela ofereceu sua colaboração na defesa da ordem diante dos movimentos de contestação, principalmente junto aos trabalhadores. O projeto idealizado pelo padre Leopoldo Brentano alcançou o seu auge durante o Estado Novo.

A entrevista de Osvaldino Ruduite é a visão de quem cresceu dentro de um dos movimentos católicos mais importantes do país, durante os anos de 1930 até final de 1950. Por muitas vezes sua memória se confundia com a do próprio movimento circulista, pois estava inserido neste contexto, junto com sua família e amigos. A criança, cuja mãe ao chegar a Porto Alegre se filiou ao núcleo circulista do Monte Serra, e logo teve seu primeiro emprego, no

próprio movimento de operários católicos, teve sua vida “marcada” com os melhores e piores momentos dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul.

Em meio a mais de 70 anos de atuação junto ao Círculo Operário Porto-alegrense e a Federação de Trabalhadores Circulistas, a memória do senhor Ruduite se confunde com as memórias do próprio movimento. Porém dessa “mistura” de memórias que se constitui a história dos Círculos Operários, pois só tiveram dimensão política e nacional, pela crença e trabalho dos seus circulistas, milhares de anônimos, literalmente, fizeram essa organização de trabalhadores católicos “acontecer” e permanecer em seu imaginário até a atualidade, ou seja, não deixando os Círculos Operários morrerem.

Referências

BARRETO, Álvaro. **Propostas e contradições dos círculos operários**. Pelotas: Universitária / UFPEL, 1995.

BRENTANO, Leopoldo. **Círculos operários: sua origem, sua organização, suas realizações**. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940.

BRENTANO, Leopoldo. O fundador dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos. In: **Copa em Revista**. 20 Anos do Círculo Operário Porto Alegrense. Porto Alegre, n. 24. 1954.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas. **O que é história oral**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiao-ral>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

DIEHL, Astor Antonio. **Estado Novo: corporativismo e círculos operários**. Estudos Ibero-americanos, v. 13, n. 1, 1987, Porto Alegre. EDIPUCRS. p. 19-35.

DIEHL, Astor Antonio. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: 1990. p. 18.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora dos Tribunais, 1990.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: **Projeto História 17**, PUCSP, São Paulo, nov. 1998.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomares. O populismo sindical: um conceito em questão. In: REIS, Elisa; ALMEIDA, Maria H. Tavares de; FRY, Peter. **Política e cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996. p. 30-49.

MENEZES, Carlos Alberto de. **Ação social católica no Brasil**. Corporativismo e sindicalismo. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História 10**. São Paulo, dez. 1993.

PAIXÃO, Dinara Xavier. **Padre Ignácio Valle Sj. e a devoção à Nossa Senhora de Medianeira**. Santa Maria: Palloti, 2003.

SANTOS, Carla Xavier dos. **Nossa Senhora de Medianeira Rogai Por Nós**. A Relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945). Dissertação (Mestrado em História) PUCRS, Porto Alegre, 2008.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos operários**: a igreja católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 204.

RAUSCH, Urbano. **Uma vida dedicada ao Círculo Operário**. Brasília. Brasília: CBTC, 2003.

RUDUITE, Osvaldino. **Os Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945)**. Entrevista concedida pelo ex-presidente do Círculo Operário Porto-Alegrense. Entrevistadora: Carla Xavier dos Santos. Porto Alegre, 24 set. 2007.

RUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.